

GRUPO JOVEM PAROQUIAL JEITO JOVEM DE SER IGREJA

COLEÇÃO IGREJA JOVEM - 2

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL





COLEÇÃO IGREJA JOVEM - 2

EMAIL

JUVENTUDE@CNBB.ORG.BR

SITE

JOVENSNECTADOS.ORG.BR

Este subsídio é fruto da reflexão e ação pastoral da
COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA JUVENTUDE
e parte da Coleção Somos Igreja Jovem

D. Nelson Francelino – Presidente
D. Amilton Manoel da Silva
D. Antonio Assis
Pe. Antonio Ramos do Prado
Ir. Valéria Andrade Leal

Elaboração

Membros da Coordenação Nacional da Pastoral Juvenil
Jovens voluntários membros do Setor Diocesano de Juventude
Assessores Adultos

Coordenação

Ir. Valéria Andrade Leal
Pe. Watson Façanha

Revisão gramatical e ortográfica:

Herlon da Silva Macedo

Com nossos sinceros agradecimentos à Editora FTD.
2022

SUMÁRIO

Introdução	05
1 - O grupo de Jovem Paroquial	07
1.1 - O que é paróquia?	08
1.2 - Renovação Paroquial	09
1.3 - O que é um grupo paroquial?	10
1.4 - O que os grupos paroquiais realizam?	11
2 - O grupo de jovens paroquial e a pastoral de conjunto	14
2.1- A paróquia: rede de comunidades	15
2.2 - Solidariedade intergeracional	16
2.3 - Liderança	18
2.4 - Protagonismo	19
3- Formação Integral	21
3.1 - A formação Integral do Discipulo Jovem	23
3.1.1 - <i>Uma opção pedagógica para a pastoral juvenil</i>	23
3.1.2 - <i>Princípios Orientadores</i>	24
3.2 - Processo de educação da fé.....	26
3.3 - Dimensões e Espiritualidade da Formação Integral do discípulo jovem	28

3.3.1 - Dimensão psicoafetiva - Processo da personalização	28
3.3.2 - Dimensão psicossocial - Processo da integração	29
3.3.3 - Dimensão mística - Processo teológico - espiritual	30
3.3.4 - Dimensão sociopolítico-ecológica - Processo de participação-conscientização	31
3.3.5 - Dimensão de capacitação - Processo metodológico	32
3.3.6 - Dimensão vocacional – Processo de discipulado-missionário	32
3.4 - Espiritualidade do grupo de jovens paroquial	33
3.4.1 - O irrenunciável encontro pessoal com Cristo	34
3.4.2 - Os Lugares de aprofundamento da intimidade com Cristo	34
3.4.3 - A piedade popular	35
3.4.4 - A espiritualidade Mariana discípula missionária	36
3.4.5 - O conhecimento e imitação do testemunho de vida dos santos	37
3.4.6 - A consciência da territorialidade	38
3.4.7 - O mundo em que vivemos	39
3.4.8 - Experiência da unidade	40

4- Metodologia do Grupo de Jovens Paroquial	41
4.1 - Lectio Divina	43
4.2 - Roda de conversa	43
4.3 - Subsídios Específicos	44
4.4 - Outras Atividades	46
5 - Itinerário com Inspiração Catecumenal	47
<i>a) O primeiro aúncio – O querigma</i>	<i>50</i>
<i>b) O aprofundar-se na fé</i>	<i>50</i>
<i>c) O processo de conversão</i>	<i>51</i>
<i>d) Aprofundar-se na mística da igreja</i>	<i>51</i>
6 - Estrutura de Acompanhamento	53
6.1- Setor diocesano de juventude	55
6.2 - Comunidade paroquial	55
6.3 - O ministério da Assessoria	56
6.4 - Os tipos de assessoria	57
a) O pároco e vigário	57
b) O assessor religioso	57
c) O assessor leigo adulto	57
d) O assessor jovem	58
Referenciais	59

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A JUVENTUDE

INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO



INTRODUÇÃO

Desde a reflexão acerca da criação do Setor Diocesano de Juventude, a Igreja do Brasil vem aos poucos reconhecendo a diversidade de expressões juvenis, ou seja, as diferentes formas do jovem ser Igreja a partir de sua experiência de ser acolhido, formado e comprometido na comunidade de fé.

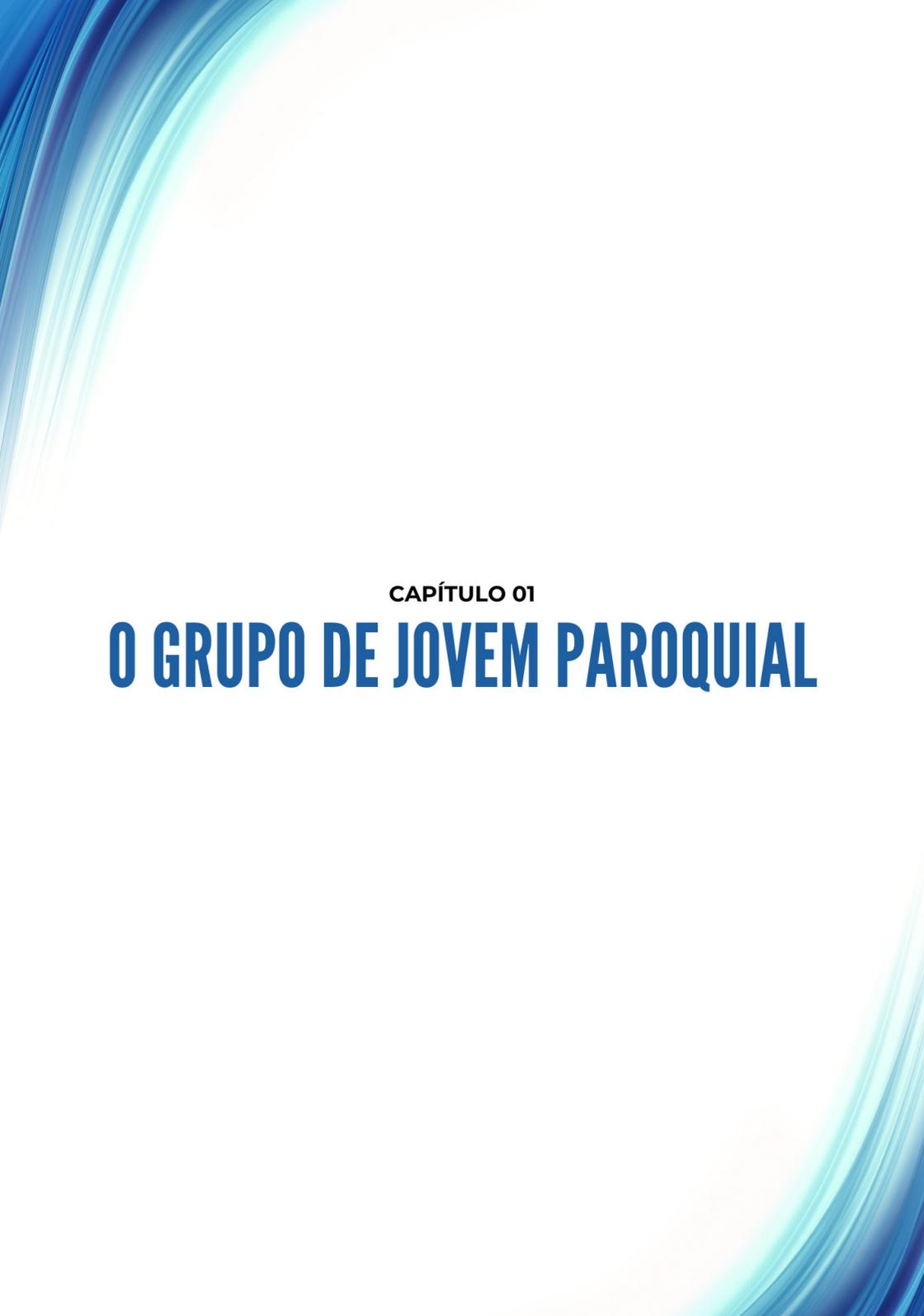
A Pastoral Juvenil, que compreende estas diversas expressões juvenis, aberta à diversidade e atenta aos anseios dos jovens, há algum tempo acolhe e reflete sobre os grupos de jovens paroquiais. Espalhados pelo país, jovens com diferentes experiências de encontro com Jesus manifestam seu desejo de caminhar com Ele ao lado dos irmãos e irmãs e organizam-se em grupos ligados a uma paróquia. É a estes grupos que se dirige este material.

O presente texto foi desenvolvido em conjunto por assessores adultos e jovens, partindo da reflexão e da prática pastoral, movidos pelo desejo de colaborar com o amadurecimento dos grupos paroquiais dando-lhe fundamentos para seu reconhecimento na comunidade. Assim, partiu-se dos documentos da Igreja, das diversas experiências vivenciadas por grupos e também da preciosa colaboração de jovens membros dos grupos paroquiais em um questionário virtual realizado ainda durante a pandemia. Dúvidas, anseios, dificuldades e fundamentos teológico-pastorais são articulados para esclarecer e dar forma, identidade aos grupos de jovens paroquiais.

Esperamos que seja um alento e inspiração, um reconhecimento da preciosa contribuição que líderes e jovens oferecem à evangelização ao testemunharem seu desejo de pertencer, de caminhar juntos no seguimento do Mestre.

Que Maria, Mãe da Juventude, volte seu olhar e estenda seu manto para abençoar e proteger, fortalecer e mostrar o Cristo a cada jovem membro dos grupos paroquiais.

Comissão Episcopal Pastoral para Juventude



CAPÍTULO 01

O GRUPO DE JOVEM PAROQUIAL

1- O GRUPO DE JOVEM PAROQUIAL

1.1 - O que é paróquia?

A paróquia é o lugar onde “o cristianismo se torna visível em nossa cultura e história”, afirmam os bispos brasileiros¹. É a “casa em meio às casas”². Lugar e sinal da ação santificadora do Espírito de Deus que suscita dons e carismas. É comunidade viva de fiéis.

Uma das características da paróquia é a sua territorialidade. Ela está visivelmente em um lugar geográfico e o edifício de culto “é sinal da presença permanente do Senhor Ressuscitado no meio do seu Povo”³.

É lugar da iniciação à vida cristã, da celebração da fé “abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário”.⁴ Em torno da Palavra e da Eucaristia, os discípulos missionários se alimentam e, pela força dos sacramentos, tornam-se responsáveis

A palavra paróquia vem do grego “*paroikía*”, que significa algo como “casa ao lado”, “morada próxima”, “morar perto”. Tem relação com o termo “*paroikos*”, que quer dizer “forasteiro”, “estrangeiro”, “peregrino em outra terra”, e que aparece nos Atos dos Apóstolos quando Estêvão fala da história dos judeus e os descreve como “estrangeiros numa terra que não era a sua” (cf. Atos 7,6).

Fonte: <https://pt.aleteia.org/2017/08/16/o-fascinante-sentido-espiritual-por-tras-da-palavra-paroquia/>

1. CNBB. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia (Documento 100), nn. 106.

2. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Instrução: A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja, n. 7.

3. Ibid.

4. Documento de Aparecida, n. 170.

pela evangelização de todos os homens e mulheres de seu entorno. É também lugar de colocar em prática a caridade cristã, o atendimento aos pobres que acompanha a Igreja desde as primeiras comunidades, inspiradas na bondade e misericórdia de Jesus de Nazaré que diz: “Dá-lhes vós mesmos de comer” (Lc 9,13).

1.2 - Renovação Paroquial

O jeito de viver dos primeiros cristãos foi gerando comunidades e estruturas organizadas para que se pudesse ouvir o anúncio da Palavra de Deus, viver a comunhão fraterna entre os irmãos, “a fração do pão e as orações” (At 2,42) e o cuidado com os pobres (Cf. At 4,32-35). Ao longo do tempo, esta estrutura foi se adaptando às novas realidades até chegar a constituir as paróquias, a começar pelas áreas rurais, passando depois a corresponder à organização eclesial urbana⁵. Hoje a paróquia é chamada à conversão pastoral, a transpor as barreiras geográficas e ser Igreja em saída, em estado permanente de missão⁶. Desde a Conferência de Aparecida, ressoa nas comunidades o convite para que a paróquia, no novo contexto social, esteja atenta aos sinais dos tempos, aberta à atividade missionária.

No sínodo da juventude, o tema da renovação paroquial entrou em pauta e nos desafia a mudanças profundas para que a paróquia se torne cada vez mais missionária e atenta às novas formas de interação entre as pessoas, além de tornar-se um espaço acolhedor para as juventudes⁷.

5. Cf. CNBB. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia (Documento 100), nn. 112-113.

6. Cf. *Ibid.*, n 8.

7. Cf. SÍNODO DOS BISPOS. Documento final da XV Assembleia do Sínodo dos bispos, n. 129.

O Documento de Aparecida propõe que a paróquia se torne “uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão⁸”. O convite é para que a paróquia seja um ambiente de acolhida, de convívio e partilha de fé e de vida, bem como centro de irradiação da mensagem de Jesus ao mundo.

Para refletir e aprofundar:

1. O que a paróquia em que você participa representa em sua vida?
2. Quais são as características de sua paróquia? Em que aspectos ela precisa de renovação e como você pode contribuir?

1.3 - O que é um grupo paroquial?

São grupos de jovens formados a partir dos vínculos estabelecidos nas paróquias. Podem ser formados a partir de um retiro, um convite do pároco, um grupo pós-crisma, neste caso, adolescentes, ou mesmo um grupo de amigos. O grupo paroquial não se filia a qualquer expressão juvenil, constituindo um grupo único, com características próprias. Torna-se um espaço de acolhida, formação, partilha de vida e de fé dos jovens discípulos missionários na comunhão da comunidade paroquial.

Os membros dos Grupos Paroquiais são discípulos missionários jovens mem-

O Sínodo da Juventude considerou jovens aqueles entre 15 e 29 anos. Não identifica, porém não desconsidera, o grupo de adolescentes até os 18 anos, apenas não especifica as diferenças, embora a evangelização precise direcionar-se a cada grupo, como afirmam os textos.

8. CELAM. Documento de Aparecida, n. 172.

bros da comunidade paroquial entre 15 e 29 anos, faixa etária que varia entre os grupos. Diante disso, é importante considerar uma delimitação de faixa etária que possibilite que os participantes estejam em sintonia através de seu momento de vida, interesses e temáticas a serem abordadas na formação. Assim, convém que a faixa etária dentro do grupo permaneça entre 5 anos de diferença entre o mais velho e o mais novo. Em geral, essa delimitação ocorre de forma orgânica, pela própria forma de trabalho do grupo e pela identificação dos membros.

Os jovens membros do grupo são jovens cristãos católicos que desejam estar na dinâmica do discipulado e da missionariedade. Parte desses jovens é convocada a partir do Sacramento do Crisma, algumas vezes pelos próprios catequistas, outras vezes por iniciativa própria iniciam um grupo de jovens, já tendo passado pelo processo da Iniciação Cristã. Outros, porém, são convidados por amigos e nem sempre conhecem a Igreja ou tem vivência cristã. Nesses casos, o grupo de jovens é a porta de entrada para a Comunidade Eclesial e precisa levar em conta o processo de educação na Fé.

É essencial que o grupo de jovens paroquial seja acompanhado por assessores adultos e pelo pároco, que esses tenham sabedoria para incentivar, acompanhar, valorizar os dons do jovem, mas sempre fomentando o protagonismo juvenil. A presença dos adultos junto ao grupo visa a fortalecer e indicar caminhos, ajudar no discernimento diante dos desafios e no cultivo da espiritualidade, o que deve ser feito mediante a presença e o testemunho.

1.4 - O que os grupos paroquiais realizam?

Sua inserção na Paróquia e relacionamento direto com a comunidade faz com que o grupo de jovens paroquial tenha participação ativa nas diversas ações de sua comunidade pa-

roquial, como liturgia, música, dança, teatro, ações missionárias, eventos, entre outros. Esta participação ativa muitas vezes se inicia ou se fortalece justamente pela maior proximidade e pelo entrosamento que o grupo de jovens propicia a seus próprios membros. Os Grupos Paroquiais são um caminho para que os jovens conheçam mais da Igreja e da Paróquia, desenvolvam-se enquanto lideranças cristãs e conheçam outros ministérios e pastorais onde possam continuar o serviço à comunidade ao longo de sua caminhada cristã.

Além da atuação no dia a dia da Paróquia, são próprios dos grupos encontros periódicos, muitas vezes semanais, em que abordam assuntos de maior interesse da juventude e os analisa à luz da fé católica, bem como os temas relativos à fé cristã e temáticas discutidas pela Igreja em cada época determinada. Nos encontros, realizam a leitura orante da Palavra de Deus, dinâmicas, música, dança, teatro, ou seja, utilizam as diversas didáticas de evangelização para atingir o maior número de jovens, visando, assim, a proporcionar um encontro pessoal com Jesus e um aprofundamento de sua fé. Com este objetivo e o de atrair mais jovens ao grupo, além dos encontros, realizam adorações, retiros, gincanas, acampamentos, luais, terços, entre outras atividades.

Outro ponto a ser destacado é a ação missionária dos grupos paroquiais que se desdobra em sua atuação na sociedade e no testemunho e anúncio de Jesus Cristo vivo. A inquietude que o Papa Francisco apresenta na *Christus Vivit*⁹ como uma característica da juventude, que não quer apenas participar da Igreja, mas também quer fazer a diferença na sociedade, tendo a certeza de que a fé sem obras é morta, faz com que os grupos realizem diversas ações sociais e missionárias, como arrecadação de roupas e alimentos, visitas a albergues, asilos, instituições que acolhem dependentes químicos,

9. Cf. *Christus vivit*, n. 175-178.

atividades com crianças, entre outros. Também atuam como evangelizadores de outros jovens ao testemunhar a alegria de ser jovem cristão e compartilhar as experiências vividas na comunidade paroquial, ao convidar amigos para atividades do grupo e da paróquia, como romarias e retiros, ao aconselhar e oferecer suas orações. Alguns ainda se dedicam a questões ligadas às estruturas sociais e polícias públicas, atuando pela justiça social.

Um dos grandes diferenciais dos grupos de jovens paroquiais é o fato de os jovens evangelizarem os jovens de sua própria paróquia, proporcionando uma partilha de vida ainda mais profunda, pois “não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece”¹⁰.

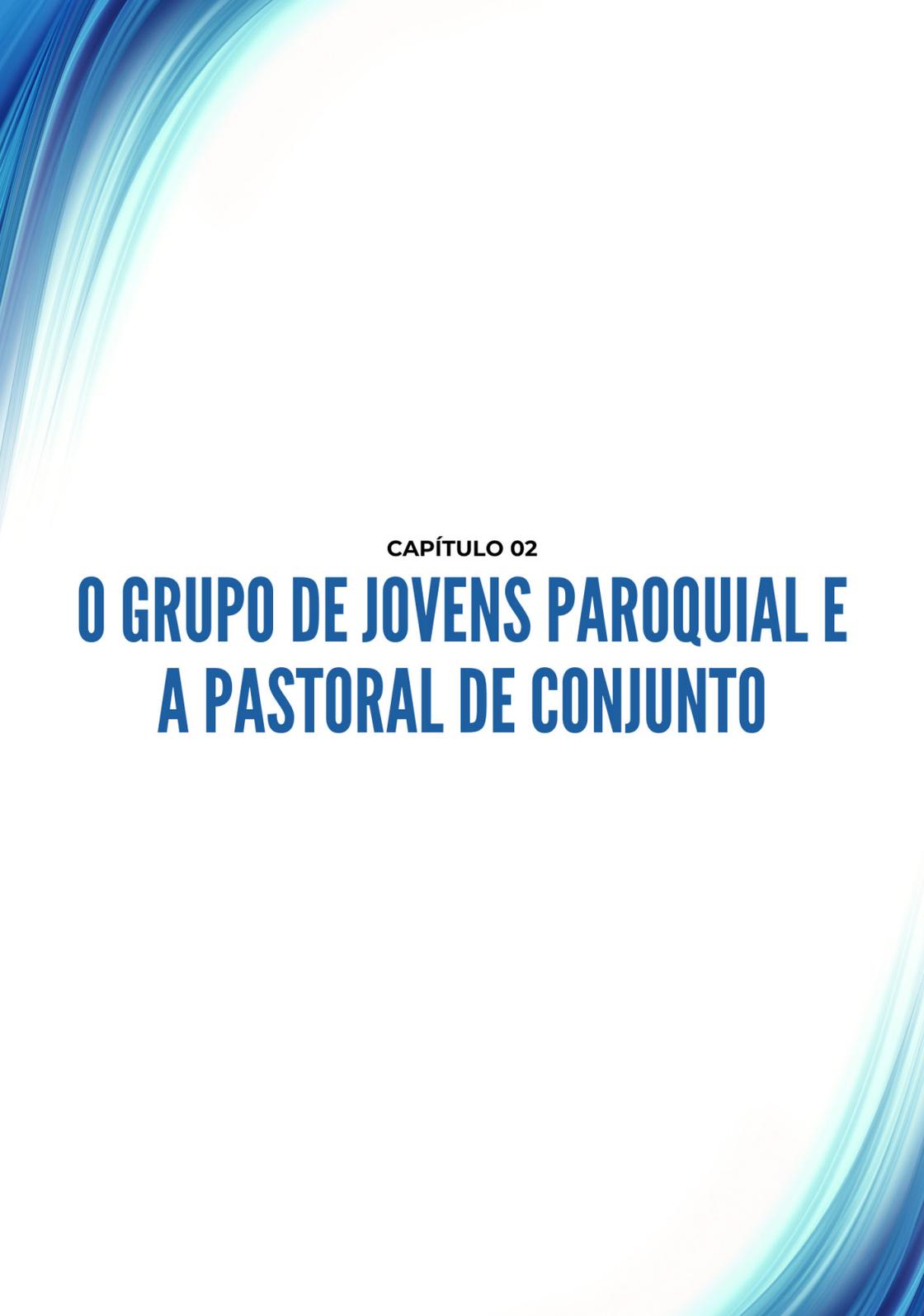
Este encontro com seus amigos, seus semelhantes, jovens que além de pertencerem a mesma comunidade paroquial que a sua, no mesmo bairro e até vizinhança, ou lugar de convívio, também têm em comum as mesmas dúvidas e desafios dessa fase da vida que é a juventude, um período de grandes mudanças, de escolhas e de transição rumo à vida adulta, que é marcado também pela necessidade de pertencer a um grupo.

Sendo assim, nos encontros que os grupos realizam, eles analisam à luz da fé cristã os diversos temas que despertam interesse e dúvida dos jovens, como seu projeto de vida, as relações psicoafetivas, sua presença e atuação na Igreja e na sociedade e os problemas enfrentados por elas. Desse modo, a temática da formação integral proposta no Documento 85 da CNBB (Evangelificação da juventude) é um direcionamento para os jovens.

Para refletir e aprofundar:

1. Quais expressões juvenis existem na sua (arqui)diocese e paróquia?
2. O que caracteriza o seu grupo de jovens paroquial?

10. CNBB. Evangelificação da Juventude (Documento 85), n. 10.



CAPÍTULO 02

O GRUPO DE JOVENS PAROQUIAL E A PASTORAL DE CONJUNTO

2 - O GRUPO DE JOVENS PAROQUIAL E A PASTORAL DE CONJUNTO

2.1 - A paróquia: rede de comunidades

Como vimos anteriormente, o grupo de jovens paroquial é um espaço para o jovem, no qual, ao ser acolhido e abraçado, deve sentir-se parte de um projeto mais amplo: o de comunidade – lugar da escuta e partilha da Palavra de Deus e da Eucaristia, de onde se parte em missão, semeando a Boa Nova de Cristo e a solidariedade entre os povos. É necessário que nossas comunidades paroquiais ofereçam “acolhida substancial e oportunidades de participação aos jovens, auxiliando-os no processo de busca de respostas significativas para sua existência e para sua fé”¹¹.

Neste espaço, é importante que o jovem perceba que o grupo faz parte de uma rede de outros movimentos e pastorais que, com suas identidades e características, formam esta parte do Corpo de Cristo que é a paróquia e que se apoiam mutuamente para caminharem como corpo.

“Embora nem sempre seja fácil abordar os jovens, estamos a crescer em dois aspetos: a consciência de que é toda a comunidade que os evangeliza e a urgência de que os jovens sejam mais protagonistas nas propostas pastorais.”
(Christus Vivit, 202)

É preciso que compreendamos, a partir da pedagogia do Bom Pastor, que a Igreja, na vivência paroquial, deve ser

11. CNBB. Texto-base CF 2013, n. 243.

entendida como casa de acolhida¹², onde formamos família de Deus, com os diversos carismas que a formam, a partir dos dons soprados pelo Espírito Santo que nos move, formando, com as diferenças, unidade, tendo como objetivo único o anúncio vivo, eficaz e pleno da Palavra de Deus.

2.2 - Solidariedade intergeracional

Não poucas vezes, encontramos em nossas comunidades paroquiais resistências de ambos os lados: jovens que não se abrem à experiência de pastoral com os que tem mais tempo de caminhada; pastorais com mais tempo de caminhada que não se abrem à criatividade e alegria da juventude.

Aqui cabe a necessária reflexão sobre a mediação de conflitos entre gerações, a acolhida e corresponsabilidade a partir da compreensão de que, como família, como corpo de Cristo, todos somos importantes e todos temos algo de bom a agregar no crescimento pessoal de cada um e na experiência do ser Igreja.

Os organismos, grupos, serviços, pastorais, associações e movimentos que formam a paróquia devem ter olhar cuidadoso para com os grupos de jovens, uma vez que estes visam a oferecer aos seus participantes uma experiência de aprofundamento em Cristo e sua Igreja, através da vivência da vida em comunidade, com suas alegrias e tristezas, potencialidades e deficiências. Reconhecendo que esses jovens são o hoje da Igreja e que serão eles os próximos a sustentarem a liderança da ação evangelizadora, todas as pastorais são convidadas a partilhar de suas vivências com as juventudes, formando uma escola viva da missão.

12. CNBB. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia (Documento 100), nn. 67-72.

Mais adiante, veremos que os grupos de jovens, para se manterem firmes e bem estruturados em sua ação, além de boa vontade, necessitam de pessoas capazes de acompanhá-los, sendo exemplo, caminhando junto, apoiando e indicando caminhos para a missão. É nessa relação com os demais organismos que o grupo de jovens conseguirá perceber quem são essas pessoas que serão sua base no acompanhamento e discernimento da vocação.

Aos jovens, cabe a decisão de se abrir a compreender que, assim como tem muito a oferecer à Igreja com sua jovialidade e capacidade “de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas”¹³, têm muito também a aprender daqueles que vieram e que trilharam os caminhos do Senhor anteriormente. É preciso que os jovens também compreendam que a Igreja, buscando dar respostas aos sinais dos tempos, não renuncia à sua tradição, que é feita não somente de dogmas e preceitos, mas também das experiências que são, a partir da fé, compartilhadas entre os irmãos e que não podem morrer, sob pena de desvirtuarmos o rosto da Igreja.

A Exortação apostólica *Christus Vivit* nos convida, como membros da Igreja, a nos sentirmos irmãos e vizinhos, construindo laços de fé e vida que quebrem em nós o sentimento de estranheza e distanciamento, uma vez que devemos ser a “Igreja da paz partilhada, do abraço e do pão”¹⁴.

Para refletir e aprofundar:

1. Qual a relação do seu grupo de jovens com os outros movimentos, pastorais e organismos da paróquia? Você conhece quais são eles?
2. Como podemos fomentar a unidade e comunhão na comunidade paroquial?

13. Concílio Ecumênico Vaticano II. *Mensagem à humanidade: aos jovens*. 8 de dezembro de 1965.

14. Pe. Zezinho. *Daqui do meu lugar* (canção).

2.3 - A liderança

A liderança e o protagonismo são sentimentos que, quando estimulados, apoiados e corretamente desenvolvidos, geram muitos frutos para a comunidade, essa uma das responsabilidades da comunidade paroquial para com o grupo de jovens, como também do próprio grupo de jovens, através de suas lideranças, para com os jovens que o integram. A formação de lideranças e o protagonismo devem ser incluídos dentro do conceito de formação integral do jovem como ser social.

A liderança faz parte do nosso cotidiano, por isso é necessário se investir cada vez mais no reconhecimento e no despertar de novos líderes, em sua capacitação e na dos que já existem. É preciso que se compreenda que um líder não nasce, ele é feito¹⁵, e que, assim como os discípulos, é necessário estar numa escola de fé, na qual aprendam constantemente a relação entre poder e liderança, o conceito de pastoral de conjunto, de transformação da realidade, de serviço e o de continuidade, formando novos líderes.

Neste processo, além do acompanhamento dos adultos, os coordenadores jovens do grupo paroquial, precisam dispor-se a:

- a. Animar a comunhão fraterna, para que cada jovem seja instrumento vivo do amor de Deus, fermentado num caminho de oração;
- b. Protagonizar a missionariedade da vida eclesial para levar a Cristo todos os jovens, de todos os jeitos e de todos os lugares;
- c. Servir sempre, como gesto generoso e de amor à Igreja;
- d. Cuidar dos pobres, sendo uma Igreja em saída.

15. Cf. CNBB. Laços de Fé e Vida: Dimensão Intelectual técnica, Folheto 3.

O coordenador precisa também dar espaço para que outros jovens possam desenvolver habilidades de liderança, trabalhando de forma colaborativa e responsável. O grupo de jovens precisa valorizar a presença e os dons de todos, além de potencializar o que cada um tem de melhor.

2.4 - Protagonismo

Dom Bosco, em seu Sistema Preventivo, “buscou concretizar a proteção integral e o [...] despertar no jovem de seu protagonismo, sob o lema da formação integral do bom cristão e honesto cidadão¹⁶”. Assim, o protagonismo juvenil busca “tornar o jovem consciente, participativo e responsável pelo seu futuro e pelo futuro de uma sociedade livre, fraterna e solidária, onde haja respeito, preservação e conservação da dignidade humana e do ecossistema como um todo¹⁷, não sendo diferente de sua participação eclesial, em que buscam sempre, do seu jeito e com suas próprias formas, atualizar as vivências eclesiais, mostrando que “implica [a Igreja] reconhecer humildemente que algumas coisas concretas devem mudar e, para isso, precisa de recolher também a visão e mesmo as críticas dos jovens¹⁸”.

O jovem deve ser parte integrante na vida paroquial, em seus encaminhamentos, diretrizes e deliberações, e deve sentir e saber que é importante nesses momentos. Faz-se cada vez mais necessário que os jovens e as paróquias compreendam o lugar da juventude nas estâncias de participação, comunhão e deliberação paroquiais.

16. ALKIMIN, Maria Aparecida. O Sistema Educativo Preventivo de Dom Bosco e a concretização da Educação em Direitos Humanos.

17. Ibid.

18. Christus Vivit, n. 39.

É preciso que os canais estejam sempre abertos à juventude, seja nos conselhos paroquiais ou comunitários, seja nas vivências interpessoais cotidianas. É necessário sempre mais acolher o jovem em seus anseios, em suas propostas, em suas dúvidas e erros, apresentar--lhes o correto e com eles formar unidade, deixando de lado os estigmas de uma falsa incapacidade, inaptidão ou irresponsabilidade juvenis, que somente aumentam a desconfiança e o descrédito na juventude, que tanto tem a oferecer à Igreja e ao mundo. Liderança e protagonismo só serão plenamente cultivados e estimulados através da confiança e do investimento nos jovens.

Para refletir e aprofundar:

1. Como é feita a organização interna do seu grupo de jovens paroquial? Há distribuição de tarefas?
2. Como você se sente nos espaços de tomada de decisão da comunidade?



CAPÍTULO 03

FORMAÇÃO INTEGRAL

3 - FORMAÇÃO INTEGRAL

Movidos pelo Espírito Santo e repletos da alegria de anunciar a boa notícia – *Cristo “Está Vivo” e nos “Ama”* –, nossos jovens têm encontrado as mais criativas formas de acessar os corações de tantos outros jovens espalhados pelos rincões do nosso Brasil.

Vemos, assim, surgir em nossas paróquias, ano após ano, inúmeros grupos juvenis coordenados por jovens e apoiados por cristãos leigos, catequistas, religiosos e presbíteros. Em meio aos desafios evangelizadores da vida paroquial, estes grupos se tornam verdadeiros celeiros juvenis de discípulos missionários, que, no curso de seu amadurecimento humano e de fé, assumem as linhas de frente da ação pastoral, quer ainda jovens, quer já na vida adulta.

Nosso olhar se volta para estes grupos, percebendo a necessidade de apoiá-los ainda mais, uma vez que também percebemos as diversas dificuldades enfrentadas por eles. É urgente garantir aos jovens reunidos nos grupos paroquiais a oportunidade de acesso a uma autêntica formação integral, que possibilite aquele importante caminho de maturação humana e religiosa pelo qual eles devem passar.

Não podemos perder de vista que tal maturação torna possível o surgimento de vocações leigas, religiosas, consagradas e sacerdotais, que, no hoje e no futuro, tem condições de apresentar aquele rosto e aquela proposta de Cris-

“Compreendes o que está lendo?”. Ele respondeu: “como poderia, se ninguém me explica.” Então convidou Filipe a subir e a sentar-se junto dele.
(At 8, 30b- 31)

to capaz de mudar o mundo em que vivemos. Esta mudança é posta em curso quando propomos, por meio de atitudes concretas (e não só por meio de discursos), a transformação das estruturas da vida e das relações humanas em suas esferas: pessoal, familiar, social, política, profissional e religiosa.

Partindo do entendimento da natureza e da missão destes grupos juvenis no seio paroquial, das orientações oferecidas pelo CELAM no Documento de Aparecida e das orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-americana contidas na publicação “Civilização do Amor: Projeto e Missão”, dos caminhos apontados pelo Documento 85 da CNBB – Evangelização da juventude: Desafios e perspectivas pastorais – e do que nos tem apontado o Papa Francisco, queremos retomar a urgência da Formação Integral.

3.1 - A FORMAÇÃO INTEGRAL DO DISCÍPULO JOVEM

3.1.1 - Uma opção pedagógica para a pastoral juvenil

A proposta do caminho de formação para os jovens sugerida pela Pastoral Juvenil Latino-americana, toma como base a pedagogia da escola discipular missionária do Mestre de Nazaré. Nela, o itinerário formativo que Jesus oferece aos discípulos apresenta uma proposta educativa centrada no sujeito em seu contexto de vida e nas indagações que, no caminho de seguimento, surgem na tentativa do discípulo de entender o “Mundo Novo” que o Mestre chama a viver e a construir¹⁹.

Na verdade, a proposta educativa e pedagógica de

19. CELAM. Civilização do Amor, n. 473.

Cristo que queremos repropor aqui para aos grupos de jovens paroquiais se configura como um caminho formativo integral, que implica “toda a pessoa” em suas dimensões e processos²⁰, em seus campos de vida e de conhecimento, numa perspectiva de aprendizagem em que a pessoa, o jovem, é sujeito e parceiro de sua própria formação²¹.

3.1.2 - Princípios orientadores

A Igreja no Brasil, desde o documento 85, em suas linhas de ação prioritárias voltadas à pastoral juvenil, propõe aos jovens um caminho de educação na fé, sem reducionismos espiritualistas, psicologizantes e politiqueiros, que leva em conta as diversas dimensões da formação integral da pessoa e é capaz de despertar e cultivar entre os jovens e nas comunidades eclesiais a irrenunciável dimensão vocacional própria da vida cristã²².

Neste caminho propositivo de um itinerário de formação integral para o discípulo jovem, alguns princípios orientativos e aspectos fundamentais²³ não devem ser esquecidos, desde a fase de elaboração da proposta formativa até a sua execução, acompanhamento e conclusão.

À luz do que nos aponta o texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, indicamos cinco aspectos fundamentais de um processo de formação integral dos discípulos missionários, que consideramos igualmente relevantes numa proposta formativa direcionada aos jovens:

20. *Ibid.* n. 475.

21. *Ibid.*, n. 471.

22. CNBB. Evangelização da juventude (Documento 85), n. 96.

23. Cf. Documento de Aparecida, n. 278.

- a) **O Encontro com Jesus Cristo:** Os jovens, chamados a ser discípulos de Jesus, buscaram-no (Jo 1,38), mas é o Senhor quem os chama primeiro, primeira, insiste em dizer: “Segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9). Este encontro dos jovens que buscaram o seu Senhor e Mestre, parte da Iniciação Cristã, do querigma, e perpassa a sua vida inteira, que se renova “constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária da comunidade²⁴” até que ele atinja a maturidade cristã de discipulado.
- b) **A Conversão:** Durante o percurso de maturidade de fé e discipulado do jovem, há uma resposta pessoal, que parte da escuta do Senhor, da fé e compromisso com Ele, por meio da ação do Espírito. O compromisso de fé se dá na amizade e abertura na relação com Mestre-Senhor, que vai moldando o viver e pensar do jovem discípulo, pois leva a uma tomada de decisão.
- c) **O Discipulado:** Ao longo do caminho, o jovem aprofunda o mistério da pessoa de Jesus, sua vida e doutrina, por meio dos sacramentos. A experiência sacramental fortalece o processo de conversão e ajuda a perseverar na vida cristã, na missão que lhes é confiada.
- d) **A Comunhão:** A perseverança na vida e missão do jovem discípulo é fortalecida e embasada na vida comunitária, nas experiências da paróquia, em família e naquilo que é oferecido pelos movimentos e pastorais. No encontro com os irmãos, o discípulo participa ativamente da vida da Igreja, vivendo a fraternidade e experimentando a comunhão.
- e) **A Missão:** O jovem discípulo, desde o batismo, na medida que conhece o seu Senhor, tendo ex-

24. *Ibid.*, n. 278a.

perimentado a vida fraterna, aprofundado-se no projeto do Mestre para a sua vida, sente a necessidade de compartilhar com outros a verdadeira alegria de ser amigo de Jesus. A missão não é algo distante da identidade do discípulo missionário, é sua vocação o anúncio da Boa Nova, a construção do Reino de Deus, mesmo nas diversas realidades da sociedade em que vive.

Para refletir e aprofundar:

1. Dialogando com os jovens do seu grupo, tente identificar os elementos da formação integral nos encontros do grupo.

3.2 - PROCESSO DE EDUCAÇÃO DA FÉ

O discipulado começa com o convite pessoal de Jesus Cristo: “Vem e segue-me” (Lc 18,22). Na formação para o discipulado, é necessário partir de uma formação integral²⁵. A formação integral é dividida em dimensões que acompanham o percurso da vida e facilitam o processo pedagógico do seu desenvolvimento.

Os jovens são “indivíduos e pessoas”, “seres sociais”, “políticos”, “abertos ao Absoluto”, “criativos e criadores”. Buscam responder existencialmente às perguntas: Quem sou eu? Quem é o outro? Onde estou e o que faço aqui? De onde venho e por que existo? Para onde eu vou? O que fazer? Como fazer? Essas perguntas e características correspondem a distintas dimensões de seu ser²⁶.

Tal como fez Jesus com seus discípulos, o processo de educação da fé, oferecido aos jovens, deve partir da realidade

25. CNBB. Evangelização da Juventude (Documento 85), n.97.

26. CELAM. Civilização do Amor, n. 486.

concreta de suas vidas. Uma vez que esta realidade influencia e direciona o encontro pessoal com Cristo e a relação de amizade do jovem com o Mestre. Este processo consta de atividades, experiências e itinerários possibilitadores do amadurecimento da fé juvenil.

Percebemos que a educação da fé dos jovens tem seu início com as primeiras experiências de fé vividas nos mais diversos ambientes sociais, culturais, profissionais, religiosos e virtuais, mesmo antes do ingresso no grupo de jovens. Transversalmente, o primeiro anúncio da fé (querigma), chega ao ouvido e ao coração dos jovens nestes ambientes. Gradativamente eles vão dando os primeiros passos do seguimento a Cristo e trilhando um caminho de amadurecimento da vida cristã.

A proposta do processo de educação da fé passa pela estruturação de experiências, processos e itinerários que ajudam os jovens a trilharem um caminho pessoal e comunitário de integração, personalização, evangelização, conscientização e capacitação²⁷. Processo que promove a configuração a Cristo e aponta para um **projeto pessoal de vida que possibilita** ao jovem configurar-se a Cristo e assim a viver sua vocação e missão no mundo. Com a força e a graça do Espírito Santo, o jovem é chamado a expressar, com vigor e “sem medo, o anúncio missionário aos locais onde nos encontrarmos e às pessoas com quem convivermos”²⁸, levando muitos outros à aproximação com o próprio Jesus, como verdadeiros instrumentos de esperança e assumindo que a “vocação missionária tem a ver com o nosso serviço aos outros”²⁹.

27. Cf. CELAM. *Civilização do Amor*, nn. 490-510.

28. *Christus Vivit*, 177.

29. *Ibid.*, n. 254.

3.3 - DIMENSÕES E ESPIRITUALIDADE DA FORMAÇÃO INTEGRAL DO DISCÍPULO JOVEM

O Documento 85 - Evangelização da Juventude - apresenta cinco dimensões da formação integral, que retomamos de forma sintética e às quais somamos a Dimensão vocacional, destacada na *Christus vivit*.

3.3.1 - Dimensão psicoafetiva – Processo da personalização

Neste tópico, as perguntas de fundo são: Quem sou eu? Qual é a relação comigo mesmo? São perguntas importantes para o autoconhecimento e para a construção da personalidade do jovem. Sem a capacidade de autoconhecimento e autocrítica, o jovem é incapaz de analisar as situações com objetividade, de administrar os conflitos e de se relacionar com outros de uma maneira equilibrada. Sem esta dimensão, tornam-se difíceis o silêncio interior, o encontro com Deus na oração e a verdadeira conversão³⁰.

O convite aqui é olhar a pessoa do jovem e reconhecer que o ponto de partida é a sua própria vida. O caminhar do jovem é justamente a sua busca por algo novo, embasado nas perguntas: “quem sou eu?” e “qual é a relação comigo mesmo?”. Assim, o jovem começa o processo de autoconhecimento e autocrítica. O que cabe aos grupos paroquiais é direcionar e acompanhar as reflexões dessas perguntas à luz dos ensinamentos de Cristo.

30. CNBB. Evangelização da Juventude (Documento 85), n. 98.

3.3.2 - Dimensão psicossocial – Processo da integração

Essa dimensão acentua a importância das relações entre as pessoas que acontecem, por exemplo, nas amizades, nos grupos, na vida em comunidade, na família e no meio ambiente. A felicidade do jovem depende da sua capacidade de comunicar-se com os outros, num diálogo que considera e respeita a cultura³¹.

É preciso conhecer cada um dos espaços onde estão os jovens, sejam os que vivem nos grupos paroquiais, sejam os que não se inseriram nesses grupos, e ser testemunho de vida no cuidado para com o outro, considerando a diversidade juvenil.

A pastoral juvenil precisa de adquirir outra flexibilidade, convidando os jovens para acontecimentos que, de vez em quando, lhes proporcionem um espaço onde não só recebam uma formação, mas lhes permitam também compartilhar a vida, festejar, cantar, escutar testemunhos concretos e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo.

Christus vivit, n. 204

O ser “um só coração e uma só alma” (At 4, 32) é experimentado à medida em que os jovens passam a viver a vida comunitária dentro da comunidade cristã. Comunidade pressupõe amizade, calor humano, aproximação afetiva e um projeto de vida em comum³². Motivar os jovens para um maior envolvimento na comunidade eclesial faz com que sintam suas capacidades sendo valorizadas e, assim, tornem-se, cada vez mais, corresponsáveis na missão da Igreja.

31. *Ibid.*, n. 99.

32. Cf. *Ibid.*, n. 101.

“Nosso esforço será criar condições para que as pessoas possam viver relações de solidariedade e de fraternidade que permitam sua maior realização, no contexto atual”³³. Desse modo, é necessário entrar no campo da afetividade e viver relações de fraternidade voltadas para o discipulado, indo de encontro à cultura de competição que a contemporaneidade incita.

A dimensão da sexualidade também é levada em conta aqui. Considera-se que, hoje, os jovens estão inseridos em um ambiente erotizado, em que a sexualidade é, muitas vezes, banalizada e transformada em um meio de corromper as relações mais profundas, “coisificando” pessoas. Diante disso devem ser desenvolvidos programas que promovam o crescimento e maturidade para que a sexualidade seja vivida de forma responsável e “baseada na liberdade e não no medo; leve em conta as exigências da ética cristã; leve ao amor e à responsabilidade; desperte para a autoestima, principalmente no cuidado com o corpo do próprio jovem e dos outros; tenha Deus, criador da vida, da sexualidade e da alegria, como sua fonte de inspiração”³⁴.

É importante, ainda, dar espaço para que o jovem consiga exercitar, em sua família, a prática de valores, como amor, paciência e diálogo, para que amadureça como pessoa, cresça no relacionamento familiar e seja portador da Boa Nova neste espaço.

3.3.3 - Dimensão mística – Processo teológico-espiritual

Nesta dimensão, o processo teológico é direcionado

33. *Ibid.*

34. *Ibid.*, n. 103.

pela leitura e estudo da Palavra, pelo conhecimento de Jesus e da Igreja. Já o processo espiritual, significa a experiência pessoal do encontro com o Senhor, que pode acontecer por meio de retiros pessoais ou comunitários, orações, vivência dos sacramentos e serviço aos pobres.

É preciso cultivar ambientes capazes de fazer com que os medos que os jovens possuem de fracassar, de estar desconectados e de morrer sejam superados pela confiança na presença do Senhor que anuncia Boas Notícias³⁵.

3.3.4 - Dimensão sociopolítico-ecológica – Processo de participação-conscientização

Partindo da consciência da cidadania, abre-se para os jovens a percepção dos “problemas sociais locais, nacionais e internacionais: problemas de moradia, saúde, alimentação, má qualidade da educação, direitos humanos desrespeitados, discriminação contra a mulher, violência, guerra, ecologia, biodiversidade”³⁶. A Formação cristã deve suscitar no jovem a capacidade de enfrentar os desafios da vida em sociedade, tornando-o fraterno e agente de transformação social.

É necessário que os jovens sejam formados para o exercício da cidadania, direitos humanos e consciência ecológica, conectando a fé à vida, à política e à sustentabilidade, vivenciando uma espiritualidade cristã em todos os ambientes em que atua.

35. CELAM. Civilização do Amor, n. 516.

36. CNBB. Evangelização da Juventude (Documento 85), 107.

3.3.5 - Dimensão de capacitação – Processo metodológico

A capacitação para a ação começa desde o momento em que o jovem ingressa no grupo paroquial. É importante que essa formação aconteça tanto no grupo de jovens paroquial quanto no setor diocesano, de modo a propiciar aos jovens tornarem-se agentes da evangelização de outros jovens.

A formação acontece por meio da leitura dos documentos da Igreja e dos subsídios desenvolvidos especificamente pela Pastoral Juvenil; inserção em cursos e seminários produzidos pelas paróquias e pelo setor diocesano de juventude; participação em momentos de integração e compartilhamento de conhecimentos. Entretanto, é interessante refletir sobre logística, linguagem, cultura e situação socioeconômica da juventude, de forma que, aos jovens, seja garantido o acesso a esses recursos e materiais.

3.3.6 - Dimensão vocacional – Processo de discipulado-missionário

A palavra Vocação significa chamado. Na Igreja, esse chamado vem de Deus e é um chamado à vida, à amizade com Ele, à santidade. "Isto tem um grande valor, porque coloca toda a nossa vida diante de Deus, que nos ama, permitindo-nos compreender que nada é fruto dum caos sem sentido, mas, pelo contrário, tudo pode ser inserido num caminho de resposta ao Senhor, que tem um projeto estupendo para nós"³⁷.

Os grupos de jovens paroquiais devem ser animadores das vocações, chamando a atenção dos jovens para que escutem a voz de Deus e possam discernir o que Ele quer de cada um. Essa animação vocacional passa pelo encontro pessoal

37. Christus Vivit, n. 248.

com Jesus Cristo e pela vivência de comunhão, que leva o jovem a crescer no discipulado e o faz sentir o ardor missionário. Nessa experiência, é fundamental perceber que o que Jesus quer de cada jovem é sua amizade. É um convite a participar de uma história de amor que está intimamente ligada à história de cada jovem.

É importante perceber que a vocação passa pelo processo de crescimento e desenvolvimento do jovem, sendo inerente àquilo que ele é, e, assim, possa descobrir-se à luz de Deus e amadurecer em sua vocação. Além disso, ele precisa compreender o significado do que tem realizado e escolhido para si, para que, dessa forma, ofereça o seu melhor para a glória de Deus e para o bem do próximo, fundamentado não apenas no fazer por fazer, mas, sim, no sentido que isso traz para sua própria vida.

Para refletir e aprofundar

1. Quais destas dimensões mais se destacam no seu grupo de jovens?
2. Quais precisam ser reforçadas? Como fazer?

3.4 - ESPIRITUALIDADE DO GRUPO DE JOVENS PAROQUIAL

A espiritualidade do grupo de jovens paroquial é trinitária, ou seja, baseia-se na Santíssima Trindade que é comunhão de amor e tem como ponto de partida o encontro pessoal com Cristo, que acontece na escuta da Palavra, na vivência sacramental, na vida em comunidade, no encontro com o outro, especialmente com os empobrecidos e doentes, também nos espaços vitais e periferias existenciais.

3.4.1 - O irrenunciável encontro pessoal com Cristo

O encontro pessoal com Jesus Cristo parte, antes de tudo, da curiosidade, como citado no Documento de Aparecida: “Mestre, onde vives?”³⁸. Daí começa um processo único de amizade com a Pessoa de Cristo que passa a ser um grande ideal de vida, uma realidade concreta, pois Ele mesmo quis fazer amigos: “já não os chamo de servos (...) a vós chamei-vos amigos” (Jo 15,15). Com a graça que Ele nos concede, somos elevados à amigos de Jesus, somos seus amigos! Ele, tendo já ressuscitado e estando plenamente na glória, vem ao encontro de todo aquele que o busca, está disposto a escutá-lo como um verdadeiro amigo.

No grupo de jovens, cria-se ambiente propício para o encontro com Jesus uma vez que a partilha de vida e de fé entre jovens pode tornar-se fecunda tendo o Mestre como ponto de partida. Para isso, é importante que os encontros e atividades suscitem a curiosidade, aumentem o conhecimento sobre a pessoa de Jesus e o desejo de estar no seu seguimento.

3.4.2 - Os Lugares de aprofundamento da intimidade com Cristo

Sabemos que, no processo de discipulado, a intimidade com Jesus deve ser contínua, persistente e perseverante. Um dos meios para bem concretizar o encontro íntimo com Jesus Cristo é por meio de sua Palavra, através da *lectio divina* ou exercício da leitura orante da Sagrada Escritura. “Essa leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Messias, à comunhão com Jesus-Filho de Deus e ao testemunho de Jesus-Senhor do

38. Cf. CELAM. Documento de Aparecida, n. 245.

niverso”³⁹. Como indicado acima, esta é uma boa metodologia para os encontros do grupo.

Outra forma de encontro com Jesus, de modo admirável, é por meio da Sagrada Liturgia e na vivência dos sacramentos, principalmente por meio da Santa Eucaristia, reconhecendo a importância do preceito dominical como necessidade interior do cristão, da família cristã e da comunidade paroquial⁴⁰.

Outro lugar especial e privilegiado de encontro com o Cristo é o sacramento da reconciliação, no qual o pecador se encontra com o Mestre que acolhe e perdoa, demonstrando seu amor e misericórdia.

A experiência sacramental é expressão comunitária da fé, é consagração para a missão de cada jovem que se propõe a caminhar com Jesus e que se compromete a evangelizar outros jovens. O grupo de jovens paroquial deve primar pela vivência sacramental e litúrgica dos jovens do grupo, como lugar de cultivo do encontro e ponto de partida para a missão.

3.4.3 - A piedade popular

A piedade popular é uma forma de espiritualidade que penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e, ainda que se viva em multidão, “não é uma espiritualidade de massas”⁴¹. De forma simples e delicada, a piedade popular expressa o sentido de transcendência, eleva o coração à Deus, por meio das orações, cânticos, danças, romarias, dentre outras formas. “Para alimentar constantemente a espiritualidade cristã, o jovem necessita encontrar instrumentos, pessoas e

39. Ibid., n. 249.

40. Cf. CELAM. Documento de Aparecida, n. 252.

41. CELAM. Documento de Aparecida, n. 261.

momentos que o marquem profundamente, provocando nele o desejo de verdadeira mudança⁴².

A piedade popular, insere-se no contexto da “Pastoral Juvenil Popular” proposta pelo Papa Francisco⁴³. Cada ato devocional necessita, no entanto, ser refletido, amadurecido e experienciado dentro da comunhão eclesial e da realidade própria de cada jovem para que o possa levar a viver mais intensamente os valores do Evangelho e ascese espiritual necessária para ser mais coerente no seguimento do Mestre. Trata-se também de “cultivar as raízes” da fé recebida no seio da família, de valorizar elementos próprios da cultura e da sabedoria do povo em sua forma de relacionar-se com Deus, não alienando-se da realidade concreta com suas mazelas sociais. O grupo de jovens paroquial, como espaço de formação e crescimento integral, precisa contribuir, com auxílio dos assessores adultos e eclesiásticos, a vivenciar de forma amadurecida e consciente elementos da piedade popular que lhe são caras.

3.4.4 - A espiritualidade Mariana discipula missionária

Para a juventude e todos os cristãos, a jovem de Nazaré é modelo de fé, obediência e missionariedade. Em sua vida se cumpriu a plena vontade de Deus Pai por meio de seu sim. Maria, mesmo sendo tão jovem, com humildade, aceitou tudo que lhe foi proclamado, partiu ao encontro da promessa que iria se cumprir em sua vida: fazer com que o Reino de Deus viesse acontecer em meio aos homens, a serviço de suas necessidades, como foi em Caná, e no encontro com sua prima Isabel. Com Maria, a juventude aprende a amar a Deus e a servi-Lo nos irmãos. Ela é a serva fiel e humilde, presença materna na

42. CNBB. Evangelização da juventude (Documento 85), n. 120.

43. Cf. *Christus vivit*, nn. 230-238.

caminhada de cada jovem que busca a santidade mesmo diante das dificuldades da vida.

No Documento de Aparecida, os bispos latino-americanos recomendam uma viva devoção mariana como cultivo da espiritualidade cristã. “Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários”⁴⁴.

Nela, o grupo de jovens paroquial encontra inspiração para sempre mais servir ao Senhor e anunciar

as maravilhas do seu amor com o testemunho, com ações concretas em prol dos excluídos e no cultivo de uma relação filial com a Mãe de Deus e nossa Mãe.

“Entre todas as figuras bíblicas que ilustram o mistério da vocação, há que contemplar de maneira singular Maria. Mulher jovem que tornou possível, com o seu “sim”, a Encarnação, criando as condições para que todas as outras vocações eclesiais pudessem ser geradas, Ela permanece a primeira discípula de Jesus e o modelo de todo o discipulado.”

Documento final da XV Assembleia do Sínodo dos bispos, n. 83.

3.4.5 - O conhecimento e imitação do testemunho de vida dos santos

A vocação à santidade é um chamado a todos, está inserida no processo espiritual da caminhada cristã, faz parte da identidade do Projeto de Salvação que o próprio Cristo propõe a todos os homens, em obediência ao Pai. “Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pd 1, 16) nos confirma o autor bíblico e a Igreja tem feito o mesmo convite aos jovens do mundo inteiro.

44. CELAM. Documento de Aparecida, n. 269.

O coração da Igreja está cheio de jovens santos⁴⁵ e que são verdadeiros exemplos de fidelidade na amizade com Cristo, ousadia e profecia para muitos e não somente para jovens, mas para todas as gerações. A imitação das virtudes, o modo radical de se viver o amor e a pertença a Deus irradiam e impulsionam a juventude.

Seja o grupo de jovens paroquial um espaço que suscite o desejo de santidade, que não consiste numa mera atitude moral, voluntarista, mas trata-se do cultivo da relação de amizade com o Senhor que transforma a quem se deixa transformar.

3.4.6 - A consciência da territorialidade

O dinamismo pastoral de uma paróquia acontece sempre dentro de um território concreto e num determinado contexto sociocultural, econômico e afetivo. Mesmo quando o jovem não reside na paróquia em que participa, a consciência da territorialidade significa que os jovens de uma determinada paróquia são chamados a conhecer os mais variados contextos internos da vida paroquial. O grupo paroquial não se fecha fazendo uma experiência intimista e perdendo a visão das fronteiras da paróquia, desconhecendo suas realidades existenciais concretas: como vivem as crianças, adolescentes, outros jovens, famílias, idosos. Conhecem os problemas locais, sobretudo aqueles mais relacionados ao mundo juvenil: criminalidade, vícios, desemprego, estudo, riscos e possibilidades etc. Isso significa que em cada paróquia há uma ampla possibilidade de experiências missionárias para os jovens dentro do próprio território paroquial.

45. Cf. *Christus Vivit*, 49.

3.4.7 - O mundo em que vivemos

Jovens missionários, jovens santos, não podem esquecer que a ação de Jesus de Nazaré implicava em atitudes concretas em favor de pessoas concretas em sua condição de exclusão (cf. Mc 10,46-52; Lc 5,18-28; Lc 8,43-48 entre outros), de fome (Cf. Mt 14,13-21; Jo 6,5-15), vítimas da hipocrisia das estruturas religiosas e políticas de sua época (Cf. Lc 13,31-35; Jo 2,13-25; Mt 23,13-36).

Já alerta o Papa Francisco:

É verdade que às vezes, perante um mundo cheio de tanta violência e egoísmo, os jovens podem correr o risco de se fechar em pequenos grupos, privando-se assim dos desafios da vida em sociedade, dum mundo vasto, estimulante e necessitado. Têm a sensação de viver o amor fraterno, mas o seu grupo talvez se tenha tornado um simples prolongamento do próprio eu. Isto se agrava, se a vocação do leigo for concebida unicamente como um serviço interno da Igreja (leitores, acólitos, catequistas, etc.), esquecendo-se que a vocação laical é, antes de mais nada, a caridade na família, a caridade social e caridade política: é um compromisso concreto nascido da fé para a construção duma sociedade nova, é viver no meio do mundo e da sociedade para evangelizar as suas diversas instâncias, fazer crescer a paz, a convivência, a justiça, os direitos humanos, a misericórdia, e, assim, estender o Reino de Deus no mundo.⁴⁶

Diante disso, o Papa convida a ir além do círculo de amigos para construir uma "amizade social"⁴⁷ que significa buscar o bem comum. O grupo de jovens é tam-

46. Christus vivit, n. 168.

47. *Ibid.* n. 169.

bém responsável por ajudar o jovem a ter pensamento reflexivo, crítico e dialogal com a realidade que o circunda e que seja capaz de gerar transformação. As realidades sociais, a questão da ecologia, das políticas públicas para saúde, educação, justiça social são elementos com os quais o cristão não pode ficar indiferente. Seja o grupo jovem paroquial espaço de reflexão, de diálogo, de acolhida de tais realidades e de fomento de ações concretas, coerentes e dignas dos seguidores de Jesus Cristo vivo.

3.4.8 - Experiência da unidade

A paróquia se configura como uma grande família que reúne uma diversidade de vocações, carismas e ministérios. Dessa forma, o primeiro nível de comunhão entre as diversas expressões juvenis acontece dentro da comunidade paroquial. O grupo paroquial, portanto, tem como característica natural a abertura aos demais carismas e expressões juvenis. No grupo paroquial, desde cedo, os jovens devem buscar assimilar a consciência de que Igreja é uma grande família que deve viver em comunhão e sinodalidade, ou seja, com todos caminhando na mesma direção.



CAPÍTULO 04

METODOLOGIA DO GRUPO DE JOVENS PAROQUIAL

4 - METODOLOGIA DO GRUPO DE JOVENS PAROQUIAL

Como foi dito acima, as atividades dos grupos de jovens paroquiais podem ser bastante variadas e correspondem aos interesses e características próprias dos jovens em face à sua cultura, ao seu contexto social, às devoções da Paróquia. Arte, tecnologia, estudo bíblico ou do Catecismo, debate sobre temas da vida da juventude, partilha de vida, ação solidária e evangelizadora são elementos presentes na maioria dos grupos e se expressam de forma diferenciada, conforme a cultura local.

Na *Christus vivit*⁴⁸ encontramos algumas indicações para a Pastoral Juvenil, ou seja, para toda ação evangelizadora junto aos jovens. São “duas grandes linhas de ação”:

*Queria apenas assinalar, brevemente, que a pastoral juvenil supõe duas grandes linhas de ação. Uma é a busca, a convocação, a chamada que atraia novos jovens para a experiência do Senhor. A outra é o crescimento, o desenvolvimento dum percurso de maturação para quantos já fizeram essa experiência.*⁴⁹

Isso porque se trata de um processo em que a formação constante, o cultivo da vida espiritual, o crescimento humano e atividades ou eventos precisam acontecer de forma integrada, que leve cada jovem a amadurecer em todas as suas dimensões.

No início da caminhada do grupo, podem surgir dúvidas sobre como fazer, qual a melhor metodologia, como manter o interesse do jovem, enfim, como fazer acontecer o grupo de jovens. Mesmo considerando que compete ao grupo construir sua própria identidade e metodologia, indicamos algumas ações que podem favorecer a organização do grupo.

48. Cf. *Christus vivit*, Capítulo VI.

49. *Christus vivit*, n. 209.

4.1 - Lectio Divina

A centralidade da Palavra de Deus deve permear toda a ação evangelizadora. A Lectio Divina é forma privilegiada para encontro com Cristo na Palavra, assim, os grupos de jovens paroquiais podem servir-se deste método.

A *Lectio Divina* faz parte do tesouro espiritual da Igreja e sabe-se que é praticada desde muito tempo. Embora sua sistematização escrita date do século XI, era usada pelos monges beneditinos e atualmente é bastante popularizada na Igreja. Como nos lembra o Papa Francisco, “Consiste na leitura da Palavra de Deus num tempo de oração, para lhe permitir que nos ilumine e renove”⁵⁰.

Os passos da Lectio Divina são: **Leitura** atenta do texto bíblico; **meditação**, buscando entender o texto no seu contexto e depois a relação do texto com a realidade atual e, principalmente, com a própria vida; **oração** como escuta e resposta ao Senhor diante do que a Palavra nos diz; **contemplação** como gesto concreto para vivenciar os apelos do Senhor e perceber sua ação no cotidiano.

Os grupos paroquiais podem servir-se desta metodologia partindo dos textos bíblicos da liturgia do domingo⁵¹ ou a partir de itinerários temáticos.

4.2 - Roda de conversa

As rodas de conversa são momentos em que os jovens, tendo anteriormente preparado algum assunto, possam discutir o tema à luz da Palavra de Deus e dos ensinamentos da

50. *Evangelium Gaudium*, n. 152.

51. O Estudo 114, CNBB, 2020, trata do tema da *lectio divina* e recomenda a sequência de leitura nos números 221-229.

Igreja (Magistério e Doutrina Social). É importante que aconteçam com momentos de oração e reflexão, partilha de compreensão do tema, mas também da própria vida, e sempre estejam conectadas com a missão dos cristãos nos diferentes ambientes onde atuam, para não perder o que é próprio do grupo de jovens cristãos.

4.3 - Subsídios específicos

A Comissão Episcopal Pastoral para Juventude (CEPJ), as organizações ligadas à juventude e diferentes editoras oferecem subsídios para encontros de grupos de jovens. Tais subsídios possuem temas variados com metodologias específicas que direcionam os encontros jovens e podem ser usados como conteúdo e metodologia.

Como propostas da CEPJ temos: “Aos jovens com afeto” e “Laços de Fé e vida”, temários para grupos de jovens que apresentam o conteúdo a ser discutido e que podem ser enriquecido com dinâmicas e outras atividades; “Encontros”, livro com propostas de encontro com metodologia própria; e roteiros de encontros disponíveis no site **www.jovensconectados.org.br**.

Dentro do ano litúrgico ainda são propostos vários outros materiais de estudo, como os subsídios oferecidos pelos Regionais da CNBB e das (Arqui)Dioceses para o mês Mariano (maio) e os subsídios de encontros para o mês vocacional (agosto), para o mês da bíblia (setembro) e para o mês missionário (outubro).

Concluindo o ano litúrgico, indicamos ainda a possibilidade de uso dos subsídios regionais e (arqui)diocesanos em preparação ao Natal do Senhor, inseridos na reflexão da feliz espera pelo Salvador no Advento.

Integração direta dos subsídios anuais da CF, da JDJ e do DNJ

Um outro itinerário que aqui propomos como base formativa para os encontros dos grupos de jovens paroquiais é aquele a partir dos subsídios oferecidos pela Igreja do Brasil em vista de campanhas e datas celebrativas, como: a Campanha da Fraternidade, Dia Nacional da Juventude e Jornada Diocesana da Juventude.

Há mais de 50 anos, a Igreja do Brasil celebra a Campanha da Fraternidade, aproveitando o retiro quaresmal para refletir temas sociais a luz do Evangelho e propor engajamento e ações proféticas. Subsídios são preparados para atender aos mais variados momentos e grupos que formam o corpo da Igreja, de modo particular, propomos aqui o uso do subsídio para jovens. Nele são apresentados encontros de reflexão a partir do tema central da CF do ano corrente, bem como um momento celebrativo para o final do percurso reflexivo. Esse material pode e deve ajudar muito os jovens em sua caminhada quaresmal, bem como nortear outros encontros no decorrer do ano, uma vez que as temáticas e ações emanadas na CF devem extrapolar o período quaresmal e tornarem-se concretas em todo o ano.

No último final de semana de outubro, a Igreja no Brasil celebra festivamente o Dia Nacional da Juventude. A data foi idealizada para celebrar a vida da juventude e a luta por seu reconhecimento e direitos. Este é um outro momento para o qual a Igreja do Brasil oferece um subsídio com encontros preparativos, visando a um maior aprofundamento temático e reflexivo, tendo o DNJ como a culminância dessas reflexões. Preparada pelo Setor Diocesano de Juventude, esta é também uma celebração da unidade entre as diversas expressões juvenis, na qual os grupos paroquiais são chamados a tomar parte. Tem também caráter missionário, de modo que a festa seja somada a alguma atividade missionária realizada pela juventude diocesana.

A cada dois ou três anos celebramos a Jornada Mundial da Juventude em um grande encontro com o Papa. De modo diocesano, particular, as Igrejas do mundo todo celebram essa data em união ao Santo Padre, o Papa, refletindo e celebrando a juventude a cada ano, no domingo do Cristo Rei. É a chamada Jornada Diocesana da Juventude. Para reflexão e oração, o Papa emite uma mensagem especial aos jovens, disponível no site oficial do Vaticano a cada ano.

Todos esses materiais, inseridos dentro dos ciclos litúrgicos e momentos fortes de nossa Igreja, oferecem uma grande carga formativa teológica, social e espiritual, por isso constituem-se como ótimos norteadores para a preparação dos encontros dos grupos de jovens paroquiais e fomentam a comunhão dos jovens com a caminhada da Igreja.

4.4 - Outras atividades

Além dos encontros, os grupos de jovens podem organizar festivais de música, dança e artes, campeonatos esportivos e de jogos eletrônicos, gincanas, celebrações, adorações e novenas, recitação do terço, passeios... Convém também propor estudos a partir do YouCat e DoCat, trabalhar com dinâmicas de grupo, participar de palestras e pregações, momentos de descontração e missão. Em tudo o que se fizer, esteja atento à centralidade da Palavra de Deus e à pertença à Igreja. É importante que se considere o que é próprio da realidade paroquial (devoções, planejamentos pastorais...) e também as afinidades dos jovens, bem como as novas tecnologias digitais que muito tem influenciado as juventudes.

Para refletir e aprofundar

1. Como são preparados os momentos de encontro do seu grupo?
2. Quais recursos podem ser usados para que os encontros sejam mais envolventes?



CAPÍTULO 05

ITINERÁRIO COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL

5 - ITINERÁRIO COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL

Nos primeiros séculos da experiência de fé cristã, vemos surgir o desejo de estabelecer um processo de Iniciação Cristã, ou seja, de introdução de novos cristãos na comunidade, dos pilares da fé e do jeito de viver dos seguidores de Jesus. As diversas comunidades sentiram a necessidade de uma preparação mais aprofundada que consistia numa conversão da vida à fé, numa instrução litúrgica, moral e doutrinal, isto é, o *Catecumenato*. O Catecumenato era entendido como um aperfeiçoamento do propósito pessoal de conversão que chegava ao seu ápice na experiência ritual da iniciação cristã e desdobrava-se em numerosos ritos e etapas.

Até a primeira metade do século IV, a pedagogia catecumenal nos recorda que a experiência batismal deve ser pensada em função da fé de adultos. Não está claro se tal pedagogia se aplicava às crianças em condições de confessar pessoalmente a fé. Tal pedagogia colocava em evidência a sua valência educativa no processo de amadurecimento da fé e de iniciação à vida cristã⁵².

No atual cenário pastoral, vemos novas formas de catecumenato onde são acolhidos não somente adultos, mas também jovens e crianças candidatos ao batismo, nos quais alguns já são iniciados sacramentalmente, porém buscam amadurecer na fé. Fala-se de uma *"inspiração catecumenal"* que não somente recupera o Catecumenato, como também tem um compromisso de reatar a ligação entre liturgia e catequese que foi comprometida por muitos séculos, visto que na liturgia tem-se um lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo.

O trabalho evangelizador desenvolvido com adolescentes e jovens precisa ir além da sensibilização e do entretenimento, priorizando o crescimento espiritual, a educação

52. CNBB. Itinerário catequético, p. 19.

para a responsabilidade pessoal e social, a ética nas relações humanas, profissionais, afetivas e sexuais e a orientação vocacional. Os grupos de jovens constituem espaço de formação processual e integral, continuando a caminhada de Iniciação à Vida Cristã. Esse processo pede maior entendimento e colaboração entre a catequese, sobretudo de Crisma, e o Setor Juventude, para que ambos, mantendo a própria identidade e metodologia, prossigam na inspiração catecumenal⁵³.

A inspiração catecumenal que propomos é uma dinâmica, uma pedagógica, uma mística, que nos convida a entrar sempre mais no mistério do amor de Deus. Um itinerário mistagógico, um desejo que nunca acaba.

Porque Deus, sendo amor, nunca se esgota. A mística é a entrada nesse movimento de busca de Deus, que, para a fé cristã, concretiza-se no encontro com o outro, pois “cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus”⁵⁴.

O caminho que sugerimos a ser feito pelos grupos de jovens paroquiais é o já utilizado na iniciação à vida cristã, em que poderão crescer e se aprofundar na fé por meio de um

53. CNBB. Iniciação à vida cristã (Documento 107), n. 206.

54. *Ibid.* n. 56.

Há que manter vivo o compromisso de oferecer itinerários continuados e orgânicos que saibam integrar: um conhecimento vivo de Jesus Cristo e do seu Evangelho, a capacidade de ler na fé a experiência pessoal e os acontecimentos da história, um acompanhamento em ordem à oração e à celebração da liturgia, a introdução à Lectio divina e o apoio ao testemunho da caridade e à promoção da justiça, propondo assim uma autêntica espiritualidade juvenil.

Documento final da XV Assembleia do Sínodo dos bispos.

itinerário com etapas que acompanham o ano litúrgico, com a mística e as celebrações que já acontecem no decorrer do ano na Igreja.

- a) **O primeiro anúncio – O Querigma:** O jovem é convidado a despertar para um primeiro encontro com Jesus. É necessário ter a consciência de que esse encontro parte do diálogo, de ouvir as necessidades de cada jovem e a partir daí apresentar-lhes a pessoa de Jesus Cristo, gerando um encantamento, capaz de lhes fazer arder o coração (Lc 24,32). Para os encontros do grupo pode-se priorizar a Leitura Orante de passagens bíblicas que apresentem Jesus como amigo, como aquela figura que acolhe, visita e escuta. Inclui-se também momentos de partilha e convivência.
- b) **O aprofundar-se na fé:** este é um tempo de aprofundamento, nele o jovem vai conhecer e experimentar os principais aspectos da vida cristã. É um período de instrução pastoral e formação para a vida integral, introdução nos mistérios da salvação, prática dos costumes evangélicos, iniciação nos sagrados ritos e introdução na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus⁵⁵. Nesse período, os jovens são convidados a participar mais ativamente da vida da Igreja e das celebrações, propiciando uma maior integração fé/vida e catequese/liturgia. Para os encontros, além da Leitura Orante, que deve ser ainda incentivada, são incluídos também temas ligados à Doutrina, à inserção do jovem na comunidade e do sentido de pertença à Igreja, à vida de oração pessoal e comunitária, ao autoconhecimento como pessoa a partir da fé cristã, ao conhecimento do mistério da Morte e Ressureição de Jesus Cristo através da ação do Espírito, e ao compromisso com a Justiça e a Caridade. Deve-se usar uma metodologia interativa com

55. Cf. RICA, n. 98.

vivências, diálogos e troca de experiências.

- c) O processo de conversão:** neste itinerário, quando o jovem tem a experiência com a pessoa de Jesus e passa por um aprofundamento na fé, ele é chamado para uma mudança de vida, tempo de amadurecimento espiritual, que irá lhe iluminar e purificar a mente e o coração de forma a melhor desenvolver sua vida e missão como jovem que é discípulo missionário. Aqui, incentiva-se não só a busca pelo sacramento da Reconciliação, mas uma efetiva direção espiritual, em que o jovem possa refletir sobre sua vida e ações e, de forma consciente, consiga identificar o que deve ser mudado. Os grupos de jovens paróquias poderão dar maior ênfase desta etapa na Quaresma, tempo propício para reflexão e mudança de vida. Pode-se realizar catequeses quaresmais, retiros, bem como o sacramento da Reconciliação, destacando o “amor incondicional de Deus, que nunca desiste de nós e sempre abre um caminho de volta a quem perdeu o rumo. Assim, a Reconciliação, além de ser uma declaração de como somos pecadores, é um ato de confiança nesse amor que vai nos dar força para sermos melhores”⁵⁶.
- d) Aprofundar-se na mística da Igreja:** A partir da experiência que o jovem tem com os sacramentos, ele experimenta o que é o processo mistagógico. Depois de percorrer os três primeiros tempos, o jovem é convidado a ter um “conhecimento mais completo e mais frutuoso do mistério”⁵⁷. Aqui os jovens devem progredir no conhecimento mais profundo do mistério pascal e em sua vivência cada vez maior pela meditação do Evangelho, participação da Eucaristia e prática da caridade⁵⁸.

56. CNBB. Iniciação à vida cristã (Documento 107), n. 171.

57. RICA, n. 38.

58. CNBB. Iniciação à vida cristã (Documento 107), n. 173.

Esse é um momento propício para ser vivido durante o tempo pascal. Com toda a riqueza das celebrações próprias deste período, os jovens podem ter maior vivência e conhecimento com a mística e a vida da Igreja. A partir daqui, o jovem terá a sede de, depois de beber da graça, anunciá-la também a outros jovens.

Todo esse itinerário visa propiciar o envolvimento do jovem na vida da comunidade através de um processo claro de amadurecimento na fé. Após ter o primeiro contato com a pessoa de Jesus Cristo, segue um caminho de amizade, cresce, se envolve, tem a percepção de que é parte da Igreja, vive o mistério e a partir daí quer também colaborar com a evangelização de outros jovens.

Para refletir e aprofundar

- 1.O seu grupo segue algum itinerário? Qual? Como está organizado?
- 2.Há integração entre a catequese e os grupos de jovens na sua paróquia?



CAPÍTULO 06

ESTRUTURA DE ACOMPANHAMENTO

6 - ESTRUTURA DE ACOMPANHAMENTO

Já refletimos sobre a importância do favorecimento da participação efetiva e do acolhimento dos jovens por parte dos demais grupos que formam a paróquia. Falamos que é nesse contato com diferentes experiências e carismas presentes na paróquia que o jovem deve se reconhecer numa verdadeira escola de fé, para que a comunidade paroquial, a partir desse intercâmbio, realize, “organicamente, sua missão evangelizadora, como pediam os bispos em Puebla”⁵⁹.

A Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (CELAM) acontecida em Puebla, já no ano de 1979, logo no início do pontificado de São Papa João Paulo II, afirmava-se que “a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens em vista de sua missão evangelizadora no Continente”⁶⁰. Tal opção foi reafirmada nas conferências seguintes, sobretudo na Conferência Geral de Santo Domingo, em 1992, quando propôs de modo afetivo e efetivo uma Pastoral da Juventude Orgânica, com acompanhamento e apoio real aos jovens.

De lá para cá, muitos avanços foram vivenciados no que diz respeito à evangelização da juventude: eventos mundiais e continentais, mensagens dos papas, encíclicas, documentos de conferências episcopais, campanhas da fraternidade, mas, na realidade atual, ainda podemos perceber a constante necessidade e fragilidade na construção de estruturas de acompanhamento aos jovens que favoreçam mais ativamente esse processo efetivo e afetivo de verdadeira inserção na vida em comunidade, sobretudo para os grupos de jovens paroquiais.

59. CNBB. Evangelização da Juventude (Documento 85), n. 189.

60. CELAM. Puebla, n. 1186.

6.1 - Setor Diocesano de Juventude

Como estrutura de acompanhamento do grupo de jovens paroquiais, não podemos esquecer da importância do Setor Diocesano de Juventude. “Na realidade diocesana, o Setor Juventude é um espaço de comunhão e participação para unir e articular todos os segmentos juvenis diocesanos num trabalho conjunto”⁶¹. Entre as muitas expressões juvenis, os grupos paroquiais encontram no Setor Diocesano uma instância de apoio que contribui para que esteja em comunhão com toda a Diocese. Oferece também pistas para a caminhada da formação integral, une forças para realização de projetos e eventos que geram maior integração entre os diversos grupos.

É importante que os grupos paroquiais se sintam parte, corresponsáveis por este espaço. Para isso, é necessário um mínimo de organização. Talvez uma coordenação diocesana dos grupos paroquiais, que possa representá-los em nível diocesano e ser ponte de comunicação entre os grupos e o Setor. Pode ser uma boa experiência.

6.2 - Comunidade Paroquial

A comunidade paroquial, com seus conselhos pastorais e econômicos, precisam ser espaço de acompanhamento do grupo de jovens. É importante que as instâncias paroquiais apoiem os grupos, dando-lhes espaços de participação e fazendo com que se reconheçam como parte da paróquia.

O pároco é o primeiro responsável por esta integração. Em paróquias com muito grupos, é possível eleger coordenadores jovens em nível paroquial para serem elo entre os vários grupos, facilitando a comunicação entre os jovens e os conselhos.

61. CNBB. Setor Diocesano de Juventude (Coleção Somos Igreja Jovem – 1).

6.3 - O Ministério da Assessoria

É muito forte a escassez de lideranças adultas que, através do ministério da assessoria, garantam o apoio e acompanhamento necessários aos jovens, seja por quais motivos forem, falta de tempo e/ou de investimento, comprometem a estrutura do trabalho com os jovens.

O ministério da assessoria é antes de tudo uma vocação, um chamado a ser presença junto aos jovens, em seus “pátios”, compreendendo suas realidades, com “paixão pela causa do jovem”⁶² e desejo de contribuir com sua formação integral, como também com sua educação na fé em busca da construção de um efetivo protagonismo⁶³.

Ao ministério da assessoria adulta, devem ser convidadas pessoas

*maduras na fé e chamadas por Deus para exercerem o ministério da assessoria, acompanhando os processos de educação na fé dos jovens, dispostas a servirem com sua experiência e conhecimento, desejosas de compartilhar sua descoberta de Cristo e seu projeto.*⁶⁴

Para o exercício do ministério da assessoria, além de boa vontade é necessário “preparo pedagógico, pastoral e teológico”⁶⁵. É necessário oferecer-se adequada formação em vista de preparar eficazes assessores para os jovens, como também, aos assessores, é necessário que estejam sempre abertos e dispostos a capacitar-se em vista de prestar adequado serviço.

62. CNBB. Evangelização da Juventude (Documento 85), n. 209.

63. Cf. *Ibid.*, n. 208.

64. CNBB. Evangelização da Juventude (Documento 85), n. 203.

65. *Ibid.*, n. 209.

6.4 - Os tipos de Assessoria

Quem são os assessores de jovens, especialmente do grupo paroquial?

a) O pároco e vigário

Na paróquia, o padre deve ser o primeiro a manifestar a opção preferencial pelos jovens. Cabe a ele a aproximação e o estímulo para que toda a comunidade paroquial se abra à causa da juventude. Deve assegurar que os jovens tenham espaço e recurso adequados para o seu desenvolvimento integral, exercendo participação ativa nos espaços, liderança e protagonismo, a partir de projetos de vida à luz do Evangelho.

b) O assessor-religioso

Em algumas paróquias, há a presença de institutos religiosos masculinos ou femininos, que podem contribuir muito nesse acompanhamento da juventude. Uma vez escolhidos e enviados pela respectiva comunidade religiosa e diálogo com o pároco, é vivamente eficaz o acompanhamento de religiosos e religiosas à juventude, principalmente no discernimento vocacional.

c) O assessor-leigo adulto

Evidenciando-se a riqueza de experiências, vivências e conhecimentos dos leigos e leigas, estes são chamados a de forma geral contribuir com o acolhimento e formação dos jovens. Porém, dentre o grande número de leigos que formam uma paróquia, há de se reconhecer aqueles que notadamente possuem afinidade e abertura a estar com os jovens e a serem reconhecidos por eles como referências que apontam para o seguimento de Cristo. Este assessor adulto, chamado dentre

tantos, deverá estar próximo a estes jovens em seu processo de formação integral, fomentando seu protagonismo.

d) O assessor-jovem

Consiste num jovem de maior experiência, formação e idade que contribui para a formação e acompanhamento de outros jovens. Experiências no Brasil e na América Latina apontam que a presença de um assessor jovem com mais idade pode ser muito rica. O assessor jovem deve ser acompanhado por um assessor adulto, leigo, padre ou religioso. É necessário a este assessor jovem que tenha “maturidade na fé e uma experiência acumulada em metodologia de trabalho com jovens”⁶⁶. O serviço do assessor-jovem e do assessor-leigo adulto deve se completar, através da experiência desse e da audácia daquele.

É necessário pontuar que aqueles que exercem o ministério da assessoria devem acompanhar os jovens e não coordenar. Jovem coordena jovem. A missão dos assessores é apresentar direcionamentos e ajudar nos vários discernimentos juvenis, estimulando seu protagonismo social e religioso, como também o espírito de liderança e cooperação.

Outro aspecto ao qual deve-se dedicar especial atenção é à afinidade entre os assessores e os jovens. Não basta querer ser assessor ou ser designado como, é preciso que os jovens assim o reconheçam. Essa relação de reconhecimento gerará o verdadeiro sentimento de pertença do assessor ao grupo de jovens que deve acompanhar e de familiaridade dos jovens com o assessor.

66. CNBB. Evangelização da juventude (Documento 85), n. 210.

REFERENCIAIS

ALKIMIN, Maria Aparecida. **O Sistema Educativo Preventivo de Dom Bosco e a concretização da Educação em Direitos Humanos**. Disponível em: < <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=9c58cf4d9f49eb26>>. Acesso em: 16 out. 2021.

BÍBLIA. Português. **Tradução da CNBB**. 4 ed. Brasília: CNBB, 2020.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. **Setor Diocesano da Juventude**. Brasília: CNBB. (Coleção Igreja Jovem – 1).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPO DO BRASIL. **Itinerário Catequético**. Iniciação à Vida Cristã – Um Processo de Inspiração Catecumenal. Brasília: CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **“E a Palavra habitou entre nós” (Jo1,14)**. Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: CNBB, 2021 (Estudos 114).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. Brasília: CNBB, 2014 (Documento 100).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. Brasília: CNBB, 2014 (Documento 100).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Eis-me aqui envia-me**: Campanha da Fraternidade. 2013, texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude:** desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção documentos CNBB; 85).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à vida cristã:** itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: CNBB, 2017 (Documento 107).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Laços de fé e vida.** Dimensão intelectual e técnica. Brasília: CNBB, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral Juvenil no Brasil.** Identidade e horizontes. Brasília: Edições CNBB, 2013. (Estudos da CNBB 103).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Instrução: **A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja.** Disponível em: < <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2020/07/20/0391/00886.html#port>>. Acesso em: 12 out. 2021.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Civilização do Amor.** Projeto e missão. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium.** São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. Exortação Apostólica pós-sinodal **Christus Vivit.** Aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo, Paulinas, 2019.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 1979. **Puebla**: A evangelização no presente e no futuro da América Latina. (Texto provisório). São Paulo, Paulinas: 1979.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual de Iniciação à Vida Cristã de Adultos**. São Paulo: Paulus, 2001. (RICA).

SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens a fé e o discernimento vocacional**. Documento preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos bispos. São Paulo: Paulus, 2017.

SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens a fé e o discernimento vocacional**. Documento final da XV Assembleia do Sínodo dos bispos. Carta aos jovens. São Paulo: Paulus, 2019.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 2007. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulinas; Paulus, Brasília: CNBB, 2008, 5 ed.



Pastoral
Juvenil

CNBB